Revista biblioo
cultura informacional



Francisco Gregório Filho

"A leitura é um caminho para o exercício da cidadania"

MITOS DA ESCOLHA PROFISSIONAL
Atuação masculina na Biblioteconomia

CULTURA PARA TODOS
Circuitos de museus agitam a cidade maravilhosa

A ERA DO "PUBLICIZISMO"
A nova realidade da comunicação científica

Edição 37
Ano 4, Nº 10
Outubro de 2014
ISSN 2238-3336
Realização:
agência biblioo

Digitalizado com CamScanner

Fala, editor!

BIBLIOTECA NAS COMUNIDADES
Um bem de pouca importância?

Há alguns anos o governo do estado do Rio de Janeiro implantou o modelo de bibliotecas parques na cidade do Rio. Ao todo foram criadas cinco bibliotecas deste tipo: Niterói, Manguinhos, Rocinha, Alemão e a Biblioteca Estadual do Rio. São espaços que disponibilizam acervos de livros sobre diversos temas, além de se voltarem às atividades educativas, entre outros. Tudo isso num espaço supermoderno.

Infelizmente estes espaços estão se transformando em políticas de governo, em que os interesses de campanha em ano eleitoral acabam colocando em risco a permanência dessas bibliotecas. Um exemplo claro disso foi o fechamento da Biblioteca Parque do Alemão, inaugurada em junho do ano passado, dando lugar a uma clínica da família na região.

Esperamos que os candidatos eleitos e os que ainda estão na disputa do segundo turno das eleições venham a olhar com mais sensibilidade para a importância das bibliotecas públicas. Ao invés de fechar bibliotecas, que tenham noção da importância e da necessidade de multiplicar esses espaços culturais no território brasileiro.

A cultura oral ganha destaque na edição 37 da Revista Biblioo através de uma entrevista exclusiva com um dos grandes incentivadores da leitura e dos contos populares brasileiros: Francisco Gregório Filho. Muitos outros temas importantes estão presentes nessa edição. Não deixe de conferir. Desejamos a todos uma ótima leitura!

Rodolfo Targino
Editor Adjunto
targino@biblioo.info

Sumário

5 | CONSERVAÇÃO E PRESERVAÇÃO DE ACERVOS
Fundação Biblioteca Nacional chega ao 17º curso

6 | A ERA DO 'PUBLICIZISMO'
A nova realidade da comunicação científica brasileira

9 | UM RELATO
Cargo: estagiário. Função: Arar e cultivar a terra do saber!

12 | CULTURA PARA TODOS
Circuitos de museus agitam a cidade maravilhosa

15 | O MACHISMO NOSSO DE CADA DIA (PARTE II)
'Socialmente iguais e humanamente diferentes'

17 | O OLHAR POR TRÁS DO VÉU
É possível transver a narrativa histórica tendo como linha de pensamento a ficção?

20 | FRANCISCO GREGÓRIO FILHO
"A leitura é um caminho para o exercício da cidadania"

25 | MITOS DA ESCOLHA PROFISSIONAL
Atuação masculina na Biblioteconomia

28 | O QUE O OLHO NÃO VÊ...
"A arte: conversas imaginárias com minha mãe", de Juanjo Sáez

Leia, é importante

EXPEDIENTE ▶ EDITOR CHEFE: Chico de Paula - chico@biblioo.info | **EDITORA EXECUTIVA: Emilia Sandrinelli** - emilia@biblioo.info | **EDITORA DE CRIAÇÃO: Hanna Gledyz** - hanna@biblioo.info | **EDITOR ADJUNTO: Rodolfo Targino** - targino@biblioo.info | **REVISORES: Isis Brum** - bibliotecária | **Vanessa Souza** - bibliotecária, mestre em Ciência da Informação | **COLABORADORES FIXOS: Carla Maria** - bibliotecária | **Daniele Fonseca** - bibliotecária | **Lívia Lima** - bibliotecária | **Talita James** - bibliotecária | **Thiago Cirne** - bibliotecário, especialista em Jornalismo Cultural | **COLUNISTAS: Agulha** - boneco de retalhos | **Augusto Montano** - professor e arquivista | **Claudio Rodrigues** - professor e escritor | **Edilmar Alcantara** - bibliotecário | **Jonathas Carvalho** - professor e pesquisador | **Luciana Rodrigues** - bibliotecária | **Mara Torres** - jornalista | **Moreno Barros** - bibliotecário e pesquisador | **Soraia Magalhães** - bibliotecária e pesquisadora | **CHARGISTA: Lazaro Penha.**

agência biblioo

Revista biblioo cultura informacional

creative commons

Para democratizar a difusão dos conteúdos publicados nesta revista, os textos estão sob a licença Creative Commons (www.creativecommons.org.br), que flexibiliza a questão da propriedade intelectual. Na prática, essa licença libera os textos para reprodução e utilização em obras derivadas sem autorização prévia do editor (no caso o ISA), mas com alguns critérios: apenas em casos em que o fim não seja comercial, citada a fonte original (inclusive o autor do texto) e, no caso de obras derivadas, a obrigatoriedade de licenciá-las também em Creative Commons. Essa licença não vale para fotos e ilustrações, que permanecem em copyright ©. **Você pode:** Copiar e distribuir os textos desta publicação; Criar obras derivadas a partir dos textos desta publicação. **Sob as seguintes condições:** Atribuição: você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada no crédito do texto; Uso não-comercial: você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais; Compartilhamento pela mesma Licença: se você alterar, transformar ou criar outra obra com base nesta, você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.

Digitalizado com CamScanner



Francisco Gregório Filho

"A leitura é um caminho para o exercício da cidadania"

Foto: Hanna Gledyz / Agência Biblioo

Digitalizado com CamScanner

Francisco Gregório Filho
"A leitura é um caminho para o exercício da cidadania"

Por **Chico de Paula**

A familiaridade com a literatura, a leitura, o livro e a escrita, adquirida ainda cedo, nos tempos de infância no Acre, Francisco Gregório Filho trouxe ao Rio de Janeiro quando para cá se mudou ainda na década de 1960. Dramaturgo de formação, Gregório tem hoje a leitura e a literatura como verdadeiros ofícios. Ao longo de sua trajetória se dedicou, e continua a se dedicar, a projetos na área cultural, especialmente as que envolvem leitura e escrita. Funcionário aposentado da Biblioteca Nacional, participou da equipe técnica do Setor Educativo do Paço Imperial, e de maio a outubro de 2010, iniciou a implantação da Secretaria de Promoção da Leitura de Nova Friburgo, estado do Rio de Janeiro, primeira secretaria municipal dedicada à leitura no país. Vivendo "Entre Rios" (título de sua biografia escrita pela jornalista Tania Machado), a literatura de Gregório remete quase sempre à tradição literária, especialmente aquela estabelecida por meio da oralidade, onde elementos da natureza e do folclore estão sempre presentes: "Eu estou mergulhado no processo de recontar e reescrever contos populares. Então tenho escrito, publicado e desejo publicar ainda mais o repertório dos contos populares contados no Brasil". Um desses contos, A moça e o papagaio, será publicado em breve pela Editora Biblioo. Nesta entrevista Gregório demonstra sua crença de que a leitura é um caminho para a qualidade do exercício da cidadania.

Quais são as lembranças mais remotas que você tem da sua relação com o livro e a leitura?

Na minha infância meus avós eram contadores de histórias. Meu avô sugeriu a minha mãe que adquirisse um livro, Contos da carochinha, de autoria do Alberto Figueiredo Pimentel. Esse livro foi publicado pela primeira vez em 1894, um livro com mais de 100 anos e é o primeiro livro publicado no Brasil dedicado a leitura dos jovens. Figueiredo Pimentel reuniu contos populares e publicou. Hoje se desdobrou em três títulos: Contos da carochinha, Contos da vovozinha e Contos da baratinha. Então são três volumes, mas inicialmente era um volume apenas e foi publicado pela editora Garnier. Com esse livro meu avô contava histórias e eu comecei a ler as palavras que meu avô contava nas histórias. Meu processo de intimidade com o texto e de alfabetização foi com a memória da voz de meu avô.

Que lugar era esse?

Em Rio Branco, no Acre. Eu subia em uma mangueira e ficava lendo os contos da carochinha e eu via meu avô contar as histórias que estavam no livro. Meu início pelo processo de gosto pela literatura, leitura, livro e escrita.

E as bibliotecas estavam nesse contexto? Ou no Acre era um lugar desprovido desse instrumento nesse período?

Nós tínhamos as salas de leitura das escolas que eram muito precárias na época. Nós disputávamos os livros e criamos um clube de leitura que se chamava Clandestino. Eram jovens, meninos e meninas, apaixonados pela leitura e poesia, mas que não podia ler em sala de aula porque a sala de aula era para os conteúdos, éramos proibidos de ficar lendo em sala de aula. Então nós líamos escondido da professora, ao mesmo tempo em que na família nós éramos incentivados, na escolarização tínhamos que dar atenção ao conteúdo para ganhar nota. Eu fui muito reprovado na escola, eu sou um reprovado [risos].

Você faz parte de uma geração de intelectuais e ativistas do Acre da qual fazem parte figuras destacadas como a Marina Silva e o Chico Mendes. Que lembrança você tem desse período?

Pois bem, lá na sua terra [Maranhão] vocês conhecem uma cantiga que diz assim [cantando]: "Jabuti sabe ler, não sabe escrever, trepa no pau e não sabe descer, ler, ler, ler e escrever!". A minha avó cantava isso, lá na sua terra, no Maranhão, tinha uma dançarina, uma artista popular, a dona Teté que cantava: "Jabuti sabe ler, não sabe escrever, trepa no pau e não sabe descer, lê, rê, lê, rê, rê!". Mas a minha avó cantava: "ler, ler, ler e escrever!". Então com esse exercício de brincar que eu fui conhecendo as pessoas que tinham interessem em aprender a ler e escrever. Na década de [19]70 tínhamos um grupo de dramatizações e a Marina Silva e o Chico Mendes participavam desse grupo de teatro que eu era diretor e eles eram integrantes dessas dramatizações. Foi nesse grupo que nós estreitamos uma relação para promover leitura com os trabalhadores.

Hoje você está na Biblioteca Parque do Rio de Janeiro participando de uma série de oficinas intitulada Usina Ler e contar/contar e ler. Do que se trata essa oficina?

Uma usina que estimula a expressão. A expressão de ler em voz alta, de contar uma história, de escrever cartas e correspondências e de publicar e organizar uma publicação. Eu dei o nome de usina porque é esse exercício de ler e expressar, ler e contar. Contar escrevendo, contar com a voz, com a emoção, com o corpo, contar com o desenho, a ilustração, contar com as imagens e cantando.

Já que você está falando de livros, poderia falar um pouco dos seus livros e de seus projetos futuros de publicações?

Essa usina que eu desenvolvo agora aos sábados aqui na Biblioteca Parque do Rio de Janeiro, Usina ler e contar/contar e ler, é um título de um dos meus livros [Editora Letra Capital, 2008]. Eu estou mergulhado no processo de recontar e reescrever contos populares. Então tenho escrito, publicado e desejo publicar ainda mais o repertório dos contos populares contados no Brasil. Um país rico culturalmente, plural, mas que algumas histórias estão escondidas, eu quero que essas histórias sejam reveladas, escritas, contadas e cantadas.

Você poderia nos brindar com um desses contos populares que você está resgatando?

Sim. Tem uma estória que é cantada e eu escrevi no livro Ler e contar, contar e ler, que é de origem da península ibérica portuguesa e que é da Laurinda.

Oh Laurinda linda!
Oh Laurinda! Linda! Linda!
És mais linda que o sol
Deixar-me dormir uma noite
nas dobras do teu lençol
Sim! Sim! Cavalheiro, sim!
Hoje sim, amanhã não
Meu marido não está cá
Foi para a feira do Gravão
Onze horas, meia-noite
Marido porta bateu
Bateu uma e bateu duas
Laurinda não atendeu
Deve estar doentinha, oh!
Ou arranjou um outro amor
Ou então procura a chave lá no meio do corredor
De quem é aquele chapéu?
Debruado a galão
É para te, meu marido
Que fiz eu pus a minha mão
De quem é aquele casaco?
Que ali vejo pendurado
É para te meu marido que eu trago bem guardado
De quem é aquele cavalo?
Que em minha esquadra entrou
É para te meu marido, foi teu pai que te mandou
De quem é aquele suspiro?
Que ao meu leito se atirou
Laurinda que e aquilo ouvia, caiu no chão e desmaiou
Oh Laurinda, linda!, linda! Não vale a pena desmaiar
Todo amor que eu te tinha vais agora acabar
Vai buscar as tuas irmãs
Trá-las todas numa dor
A mais bela delas todas há de ser o meu amor
A mais linda delas toda há de ser o meu amor
Oh Laurinda, linda! És mais linda que o sol.

Muito bom! Muito bom! Laurinda é um romance medieval cantado em versos. Eu recuperei e tá publicado no livro Ler e contar, contar e ler.

"O poder público atenta quando a sociedade se mobiliza, então a sociedade tem que pedir, cobrar, exercitar, participar das políticas públicas de incentivo à leitura"

Como bem fazem os contadores de estória, recuperam essas histórias antigas, sobretudo da Idade Média e transmitem para as novas gerações. Gregório, esse ano temos eleições presidenciais, para deputados, senadores... Qual a sua impressão em relação ao poder público no que diz respeito do estímulo à cultura letrada e oral? Como você enxerga esse aspecto?

O poder público atenta quando a sociedade se mobiliza, então a sociedade tem que pedir, cobrar, exercitar, participar das políticas públicas de incentivo à leitura. Promoção do livro e da leitura, das bibliotecas, da literatura... Então nós promotores da leitura, educadores sociais, professores, bibliotecários, temos que participar desse movimento social. Juntos construirmos uma proposta de um plano nacional de políticas públicas para o incentivo à leitura que inclui: formação de bibliotecas públicas, comunitárias, escolares, até familiares, difusão do livro e dos contadores de histórias, dos narradores, dos escritores, isso que o Brasil precisa. Os candidatos, as autoridades e os políticos precisam ouvir essas vozes brasileiras ou de pessoas que estão no Brasil no reclame para a construção de uma política pública.

Em relação à Literatura, esse ano nós tivemos a perda de quatro grandes escritores brasileiros: Rubem Alves, João Ubaldo Ribeiro, Ariano Suassuna, Ivan Junqueira. O que representa essas perdas para a Literatura nacional?

Os escritores são finitos, são mortais. O importante é que deixaram um legado, os escritos, os livros publicados. Cabe a nós o trabalho de difusão do que foi escrito por eles e a renovação, promover, incentivar novos escritores. Acho que esse é o ciclo da vida, a finitude e a renovação de novos escritos e mantendo essas vozes ancestrais que vieram antes e publicaram, escreveram e falaram da nossa vida cultural.

"A leitura é esse instrumento fundante, primordial, necessário para essa qualidade e participação social"

Você acredita que a leitura é um instrumento para que a juventude brasileira possa trilhar um caminho para um país melhor, mais justo e mais igualitário?

Um caminho para a qualidade desse exercício da cidadania. A leitura é esse instrumento fundante, primordial, necessário para essa qualidade e participação social. Nós precisamos ter visibilidade desse processo, essa biblioteca pública parque [onde a entrevista estava sendo gravada] é um exemplo e outras bibliotecas públicas no Brasil são exemplos, assim como as casas de leitura e as faculdades e escolas de Biblioteconomia que formam bibliotecários, os novos escritores e os contadores de história. ✪

Digitalizado com CamScanner